



ACADEMIA DA FORÇA AÉREA
DIVISÃO DE ENSINO
CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS AVIADORES

MARCELO DE MOURA **SILVA JÚNIOR**, Cad Av

A importância da comunicação em língua inglesa para o oficial aviador

Pirassununga
2020

ACADEMIA DA FORÇA AÉREA
DIVISÃO DE ENSINO
CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS AVIADORES

MARCELO DE MOURA **SILVA** JÚNIOR, Cad Av

A importância da comunicação em língua inglesa para o oficial aviador

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Formação de Oficiais Aviadores da Academia da Força Aérea.

Orientadora: Profa. Dra. Priscila Petian Anchieta

Pirassununga
2020

ACADEMIA DA FORÇA AÉREA
DIVISÃO DE ENSINO
CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS AVIADORES

MARCELO DE MOURA SILVA JÚNIOR, Cad Av

A importância da comunicação em língua inglesa para o oficial aviador

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Formação de Oficiais Aviadores da
Academia da Força Aérea.

Data de aprovação: 08/10/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Priscila Petian Anchieta

Membro Titular: Profa. Dra. Elaine Risques Faria

Membro Titular: 1º Tem QOCon MIS Maria Bethânia Arantes Barros

Pirassununga
2020

Dedico este trabalho à minha família, à minha orientadora e aos colegas de turma pelo apoio incondicional durante a elaboração deste trabalho monográfico.

AGRADECIMENTOS

À minha família, namorada e amigos, por todo apoio, “puxões de orelha” e ensinamentos que me fizeram chegar até aqui e ser quem eu sou.

À Profa. Dra. Priscila Petian Anchieta, pela paciência, dedicação, e apoio durante todo processo de produção deste trabalho. Seu apoio foi determinante para a produção sublime desta monografia.

À Academia da Força Aérea, pela oportunidade de realização do curso e pelo amadurecimento durante os quatro anos de formação.

*No que diz respeito ao empenho, ao compromisso,
ao esforço, à dedicação, não existe meio termo.
Ou você faz uma coisa bem-feita ou não faz.*

(Ayrton Senna)

RESUMO

Neste trabalho monográfico, mapeamos algumas situações em que o oficial aviador da Força Aérea Brasileira vivenciará durante sua carreira e irá utilizar a língua inglesa como meio de comunicação. Desse modo, selecionamos contextos variados para exemplificar o vasto uso da língua inglesa e demonstrar sua importância para a carreira de todos os líderes da FAB. Nosso objetivo primordial é reconhecer que o uso da língua inglesa será necessário e, por vezes, imprescindível no cumprimento de determinadas missões, não somente no que tange a compreensão e produção escrita desta língua estrangeira, mas também a produção oral, determinante para a boa execução do trabalho. Para descrevermos nosso contexto de investigação, apresentamos ambientes específicos de uso da língua inglesa, tais como: o sistema de ensino-aprendizagem e os documentos oficiais que regem o desenvolvimento das aulas de língua inglesa na AFA, contextos de intercâmbio, missões no exterior e recepção de nações amigas. Por fim, apresentamos algumas sugestões de aprimoramentos com o intuito de contribuir para o maior desenvolvimento da proficiência em língua inglesa dos militares da FAB.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Inglês. Idioma. Comunicação. Aviador.

ABSTRACT

In this monographic work, we map out some contexts in which the aviator officer from the Brazilian Air Force will find during his career and within he will probably use the English language to communicate. In this way, we selected some contexts to exemplify the wide use of the English language and demonstrate the importance for all FAB leaders. Our primary goal is to recognize that the use of the English language will be useful and, sometimes, necessary to the accomplishment of certain missions, not only with regard to the understanding and written production of this foreign language, but also the oral production, essential for the good execution of work. In order to describe our research context, we present specific contexts for the use of the English language, such as: the teaching-learning system and the official documents which the govern developed to the English language classes at AFA, exchange program contexts, missions abroad and reception of friendly nations. Finally, we present some suggestions of improvement in order to contribute to the further development of the communication in the English language of the FAB military.

Keywords: Teaching-learning. English. Language. Communication. Aviator.

LISTAS DE TABELAS

TABELA 1 - RESUMO DOS PRINCIPAIS PONTOS TRABALHADOS.....	22
TABELA 2 - NÍVEL BASEADO NO CEFRL.....	22
TABELA 3 - MISSÕES DE PAZ ONU.....	25
TABELA 4 - OFERTA E PROGRESSÃO DE NÍVEIS NA EPCAR.....	28
TABELA 5 - OFERTA E PROGRESSÃO DE NÍVEIS NA AFA.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AFA	Academia da Força Aérea
CCAer	Corpo de Cadetes da Aeronáutica
CEFRL	<i>Common European Framework of Reference for Languages</i>
CFOAV	Curso de Formação de Oficiais Aviadores
CFOINF	Curso de Formação de Oficiais de Infantaria
CFOINT	Curso de Formação de Oficiais Intendentes
CPCAR	Curso Preparatório de Cadetes do Ar
DCA	Diretrizes do Comando da Aeronáutica
DCENS	Diretriz de Comando
DE	Divisão de Ensino
EPCAR	Escola Preparatória de Cadetes do Ar
EUA	Estados Unidos da América
FAB	Força Aérea Brasileira
FL	<i>Flight Level</i> (nível de voo)
GITE	Grupo de Instrução Tática Especializada
LI	Língua Inglesa
LE	Língua Estrangeira
MD	Ministério da Defesa
MINUSTAH	Missão de paz realizada no Haiti
MG	Minas Gerais
NV	Nevada
OACI	Organização da Aviação Civil Internacional
ONU	Organização das Nações Unidas
PKO	<i>Peacekeeping Operations</i>
IAC	<i>Instrument Approach Chart</i> (carta de aproximação por instrumentos)
ICAO	<i>International Civil Aviation Organization</i>
RWY	<i>Runway</i> (pista de pouso)
SID	<i>Standard Instrument Departure</i> (carta de saída padrão por instrumentos)
STAR	<i>Standard Instrument Arrival</i> (carta de chegada padrão por instrumento)
TDIE	Teste Diagnóstico de Idiomas Estrangeiros
TWR	<i>Tower</i> (torre de controle)

USAFA *United States Air Force Academy*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 O CONTEXTO DA LÍNGUA INGLESA PARA O AVIADOR.....	14
2.2 INGLÊS NO MUNDO GLOBALIZADO	15
2.3 ENSINO COMUNICATIVO.....	16
2.4 O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA AFA	17
3 METODOLOGIA.....	19
3.1 A NATUREZA DA PESQUISA	19
3.2 O CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO.....	20
3.3 OS DOCUMENTOS ANALISADOS	21
4 ANÁLISE DE DADOS.....	25
4.1 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS CONTEXTOS DAS LI.....	25
<i>4.1.1 O intercâmbio.....</i>	<i>25</i>
<i>4.1.2 Missões de paz da ONU</i>	<i>26</i>
4.2 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS OFICIAIS QUE REGEM O ENSINO DE LI NA FAB	28
4.3 A LÍNGUA INGLESA NA AFA.....	30
<i>4.3.1 As aulas</i>	<i>30</i>
<i>4.3.2 Instrumentos de avaliação utilizados na área de Língua Inglesa.....</i>	<i>30</i>
4.4 NO CAMINHO PARA O APRIMORAMENTO	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Iniciamos nosso trabalho afirmando que, atualmente, a língua inglesa é uma das línguas mais faladas no mundo. Existem mais pessoas se comunicando em inglês como primeira ou segunda língua do que qualquer outro idioma no mundo (PIERCY, 2012).

Para o oficial aviador, podemos apresentar contextos de uso como é o caso das radiocomunicações em voos como um fator de segurança, pois apesar de haver uma padronização pela OACI, por vezes os pilotos e controladores de voo necessitam usar o plain English em situações de emergência. (LUCKS et al, 2016).

A expressão *plain English* é utilizada para dizer que o piloto precisou utilizar palavras ou expressões em inglês que não estavam previstas na fraseologia padronizada para aviação, por isso o comandante da aeronave pode precisar explicar algo que está acontecendo a bordo, logo, dominar a capacidade de comunicação em inglês pode ser crucial numa situação de emergência.

A língua inglesa está presente no cotidiano de diversas pessoas que vivem neste mundo globalizado, e com o avanço e difusão dos meios tecnológicos como smartphones, computadores e outros aparelhos eletrônicos, muitos aplicativos possuem a interface em inglês. Por isso, o aprendizado da língua pode ocorrer de uma forma mais natural devido ao vasto uso dessas plataformas.

Explicitando o parágrafo acima: “embora o contato formal com professores seja recomendado para a obtenção dos resultados esperados, materiais não didáticos, como músicas e filmes, podem contribuir efetiva e intensamente no processo de aquisição da língua” (OLIVEIRA, CAMPOS, 2013). Logo, podemos afirmar que o ensino da língua inglesa não se restringe somente ao aprendizado nas salas de aula.

Com efeito, nossas indagações neste trabalho monográfico giram em torno da relevância da língua inglesa para a carreira do oficial da FAB.

A problemática envolvendo esse tema vai além do sistema de ensino-aprendizagem da LI (doravante Língua Inglesa) na AFA, pois, durante os quatro anos de formação, o futuro oficial terá menos chances de utilizar o idioma se comparado com sua carreira após formado. Desse modo, o objetivo desta pesquisa é mapear e descrever as missões que fazem parte da vida do oficial aviador nas quais será necessária a utilização da LI como instrumento de comunicação.

Para compreendermos a importância da comunicação em LI para o oficial aviador, devemos analisar em quais contextos ela é utilizada. Para isso, estabelecemos alguns objetivos, como: descrever os contextos em que essa língua franca se insere em missões diplomáticas internacionais, missões de paz da ONU, intercâmbios e operações conjuntas; além de analisar

o ensino de LI na AFA e descrever documentos oficiais da FAB que preveem a necessidade do conhecimento em inglês por parte de seu efetivo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão abordadas as principais fontes bibliográficas acerca do tema investigado e que estão relacionadas à carreira do oficial aviador.

Utilizamos de base para esta pesquisa monográfica alguns estudos já realizados com o intuito de embasar nossas análises: sejam eles sobre o mérito da língua inglesa no mundo atual globalizado, a utilização deste idioma estrangeiro na aviação internacional, os conceitos de proficiência linguística, abordagens de ensino de língua estrangeira, a influência do inglês na sociedade atual e na carreira do oficial aviador da FAB.

Nosso embasamento visa também comprovar a importância da valorização da língua inglesa na carreira do oficial aviador da FAB e a necessidade de maiores investimentos desde o início da formação do futuro gestor da Força Aérea Brasileira pois, de acordo com Finardi e Guimarães (2017), os países que mais publicam em inglês têm cada vez mais impacto na produção científica internacional, atraindo assim mais recursos e acadêmicos internacionais.

2.1 O contexto da língua inglesa para o aviador

Para analisarmos melhor a importância da língua inglesa para o oficial aviador, apresentamos uma breve contextualização sobre como esse idioma está presente na vida dos aviadores da Força Aérea Brasileira.

Desde o início de sua especialização, o cadete da AFA tem contato com diversas palavras da língua inglesa que são amplamente utilizadas como: *briefing*¹, *debriefing*², *check-list*³, *earplug*⁴, *Flight Level*⁵ (FL), *AvGAS*⁶, *Pilofe*⁷, *tower*⁸ (TWR), *runway*⁹ (RWY), entre outras.

Uma das etapas que o cadete aviador deve passar para concluir o CFOAV¹⁰ é a fase de navegação, na qual o cadete precisa realizar a leitura de cartas aeronáuticas como SID, STAR

¹ Briefing: reunião da tripulação antes do voo

² Debriefing: reunião da tripulação após o voo

³ Check-list: livreto que contém todos os procedimentos do avião (normais e de emergência)

⁴ Earplug: equipamento de segurança para os ouvidos

⁵ Flight Level: nível de voo que é utilizado para separar os aviões em altura

⁶ AvGAS: gasolina de aviação

⁷ Pilofe: manobra utilizada para pousar, criada durante a segunda guerra mundial

⁸ Tower: torre de controle

⁹ Runway: Pista pavimentada para aeronaves

¹⁰ CFOAV: Curso de Formação de Oficiais Aviadores

e IAC¹¹ nas quais são encontradas palavras em inglês que o piloto precisa ler e interpretar com o intuito de planejar o voo até o seu destino. Após formado, o cadete é declarado aspirante e realiza sua especialização no GITE¹², por conseguinte, depois de oito meses, é promovido a oficial aviador.

Enquanto oficial, existem diversas situações nas quais o piloto precisa utilizar a língua inglesa para cumprir determinadas missões. Existem operações combinadas, onde forças armadas de duas ou mais nações se unem para realizar algum tipo de treinamento como, por exemplo, a *Red Flag*¹³ que é um dos maiores exercícios aéreos do mundo realizado na base aérea de Nellis – NV nos EUA.

2.2 Inglês no mundo globalizado

O fenômeno da crescente globalização do mundo e a conseqüente necessidade de uma linguagem eficiente de comunicação faz com que a língua inglesa seja fundamental. O estudo dessa língua, que é hoje considerada uma língua global, significa crescimento, desenvolvimento e melhores condições de avanços e mudanças que vêm ocorrendo nesse novo e tecnológico mundo.

O fenômeno da globalização teve início na Inglaterra, com o grande poderio econômico no século XIX, alavancado pela Revolução Industrial, e, logo em seguida, a expansão do colonialismo britânico, o qual chegou a alcançar uma vasta abrangência geográfica e, dessa forma, expandiu também a língua inglesa. Posteriormente, surgiu o poderio político-militar dos Estados Unidos a partir da segunda guerra mundial, e a grande influência econômica e cultural, que solidificou a língua inglesa na posição de padrão das comunicações internacionais.

De acordo com Alderson (2009), a ICAO é o órgão internacional que padronizou a língua Inglesa como referência para as radiocomunicações, porém devido a alguns problemas que ocorreram na comunicação, principalmente com falantes não nativos de inglês, essa organização desenvolveu testes de proficiência para garantir que os pilotos e controladores de voo pudessem estabelecer uma comunicação clara.

Crystal (2003) aponta que o inglês já não conecta diferentes sociedades, mas o globo como um todo, destarte, o inglês também é rotulado como uma língua global. Os motivos que levaram a língua inglesa ao status de língua franca parecem óbvios para aqueles que associam

¹¹ SID, STAR e IAC: São cartas utilizadas pelos pilotos para chegar ou sair de um aeródromo voando por instrumentos

¹² GITE: Grupo De Instrução Tática Especializada que prepara os aspirantes aviadores da Força Aérea logo após se formarem na AFA

¹³ Red Flag: Operação que simula um ambiente de combate, realizada nos EUA

a militância dessa língua ao capitalismo imperialista do Reino Unido e ao poderio econômico e militar dos Estados Unidos da América.

“É especialmente depois do fim da Segunda Guerra Mundial que a influência política e cultural dos Estados Unidos se propagou, inicialmente na Europa Ocidental. Isso se traduziu, com mais ou menos defasagem, na difusão do inglês” (LACOSTE, p.10, 2005). Desde o final da segunda grande guerra, a língua inglesa vem ganhando destaque no cenário mundial.

2.3 Ensino comunicativo

Os contextos de ensino-aprendizagem de língua inglesa são utilizados para o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam ao falante utilizar a LI em diferentes situações de interação social.

De acordo com Celani (1997), devem ser atrelados à função social da língua estrangeira em relação aos alunos que estão em formação, ou seja, o papel da língua estrangeira na construção da cidadania deve ser considerado parte integrante da formação global do indivíduo.

O desejo de falar e ser capaz de se comunicar em uma língua estrangeira (LE) origina-se devido a razões que podem variar desde a motivação definida como integrativa (Gardner & Lambert, 1972), gerada pela admiração ou interesse pessoal por uma outra língua (e também por seus falantes e aspectos culturais pertinentes à língua estrangeira), até a motivação exclusivamente instrumental, em decorrência de necessidades práticas de uso como ferramenta acadêmica e profissional.

A comunicação oral é, por excelência, o veículo das relações sociais, dos avanços profissionais e dos negócios. É também o meio através do qual a própria linguagem é aprendida, e que conduz muitas pessoas à aprendizagem. (Bygate, 1987:vii)

Segundo Almeida Filho (2002, p.36), o ensino comunicativo é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes/tarefas-usuários de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações de verdade na interação com os outros falantes-usuários dessa língua.

Assim, a partir de atividades metodologicamente preparadas que possam atingir a realidade do aluno, como também a partir da interação de um indivíduo com o outro, ambos utilizando a língua alvo, pode ser obter um ensino comunicativo de línguas.

Com efeito, essa abordagem descarta o ensino da gramática descontextualizada, fragmentada e dá ênfase ao ensino de gramática em situações reais de uso, ou seja, “não descarta a possibilidade de criar na sala momentos de explicitação de regras e de prática rotineiras dos

subsistemas gramaticais (como dos pronomes, terminações de verbos etc)” (ALMEIDA FILHO, 2002, p.36).

No ensino comunicativo, umas das prioridades é o desenvolvimento da oralidade, os conteúdos gramaticais estabelecem vínculo com a competência linguística e a competência gramatical, pois, de acordo com Almeida Filho (2002), “o objetivo é criar condições favoráveis para a aquisição de um desempenho real numa nova língua”.

Assim, na abordagem comunicativa, a ênfase se dá menos nos aspectos gramaticais e mais nos aspectos de construção de significados, de modo que os aprendizes trabalhem em pares ou em grupos, estabelecendo interação entre eles.

Para definir a proficiência concordamos com Scaramucci (2000) quando afirma que a proficiência pode ser definida como o resultado final de uma meta pré-estabelecida, que se relaciona com diversas áreas do conhecimento e com a própria aprendizagem em si.

Existem diversos autores que definem proficiência e fluência em uma língua, mas concordamos quando “fluência é sinônimo para proficiência oral e comportamento de fala, em que se comunicar de maneira clara é o fator mais importante” (GOMES, 2006). Ainda em concordância com Gomes (2006) afirmamos que a proficiência seria quando o indivíduo consegue desenvolver sua comunicação na velocidade dos falantes nativos. Para nós a definição de proficiência ideal é quando o falante se comunica de forma clara e eficiente conseguindo passar a mensagem por completo para o receptor, seja o ouvinte nativo ou não.

2.4 O ensino de língua inglesa na AFA

Na Academia da Força Aérea, os alunos em formação (cadetes) têm em seu currículo a disciplina de Língua Inglesa durante os quatro anos de curso, o que demonstra a importância do conhecimento dessa língua para os (futuros) Oficiais da FAB, seja para desempenhar missões no exterior, recepcionar comitivas estrangeiras, ler manuais de voo em língua inglesa, assim como outros materiais que permitam o desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional de todos os envolvidos, entre outras atividades relacionadas à carreira militar.

No que tange a língua inglesa, foi elaborado um documento que estabelece as orientações para o ensino da língua. Trata-se da Diretriz de Comando “Alinhamento Gerencial e Metodológico do Ensino de Língua Inglesa na EPCAR e AFA” (DCENS 15-B/2017). Segundo esse documento, tanto a AFA quanto a EPCAR devem utilizar como parâmetro de entrada e saída em suas escolas os níveis do Quadro Comum Europeu de Referência para

Línguas, o qual define as competências linguísticas em seis níveis de conhecimento, a saber, A1, A2, B1, B2, C1 e C2.

“Partindo-se da premissa que a LI tornou-se uma Língua Franca e que o militar deverá se comunicar naquele idioma, a EPCAR e a AFA deverão adotar obrigatoriamente a abordagem comunicativa para o seu ensino.” (BRASIL, 2017) Com base nesse documento, podemos afirmar que a FAB tem interesse em desenvolver as quatro habilidades linguísticas do militar: que são compreensão/produção oral e escrita.

Podemos verificar que a Força Aérea busca incentivar seus militares a aprimorar suas capacidades linguísticas e reforça que o aprendizado de uma língua estrangeira é de grande valia para a nação, pois forma um produto humano mais capacitado e especializado, capaz de realizar uma gama maior de tarefas.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, faremos uma análise dos contextos onde o cadete/oficial da Força Aérea poderá interagir em língua inglesa durante sua formação/carreira. Além disso, desenvolvemos análises de documentos oficiais que regem o ensino de inglês e a importância que a FAB deposita a essa língua em específico. Vamos discutir o modo como a língua inglesa é trabalhada na AFA e, por fim, apresentaremos algumas sugestões que podem ser aplicadas durante as aulas.

3.1 A natureza da pesquisa

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a qualitativa, pois o foco envolve a análise e interpretação das informações. Segundo Oliveira (2008), “Os investigadores que tomam o ambiente de educação como objeto de pesquisa [...] devem construir seu arcabouço metodológico alicerçado pelas técnicas qualitativas.”

Durante nossa análise, discutimos sobre as particularidades do uso da língua inglesa em determinadas situações da carreira do oficial aviador da FAB. Assim, para que o resultado fosse esclarecido, sobretudo por aqueles que não conhecem as aplicações deste idioma no meio militar, utilizamos também a metodologia interpretativista durante as análises.

Concordamos com Bortoni-Ricardo (2013) quando a autora afirma que na pesquisa qualitativa-interpretativista a compreensão do pesquisador está perpassada pelos significados que ele constrói, atuando como um sujeito ativo, construtor de sentidos, que tem um compromisso com a interpretação das ações sociais e com os significados.

Além do exposto acima, consideramos também nossa pesquisa como documental, visto que analisamos documentos da Força Aérea Brasileira e do Ministério da Defesa com o objetivo de atingir as conclusões necessárias para este trabalho. A pesquisa documental é aquela que pretende gerar conhecimento baseado em fontes primárias que ainda não foram debatidos ou que podem ser reavaliados e investigados por um outro ponto de vista (KRIPKA, SCHELLER, BONOTTO, 2015).

De acordo com Gil (2002), as pesquisas documentais podem ser comparadas com as pesquisas bibliográficas, porém a grande diferença é como os dados são analisados: na primeira são utilizados documentos que não foram analisados ou que podem ser reanalisados e na segunda são utilizados pensamentos de diversos autores para chegar a uma conclusão. Ou seja, as pesquisas documentais geralmente são pioneiras ou buscam trabalhar uma nova abordagem de temas que já foram investigados, já as pesquisas bibliográficas buscam um maior

aprofundamento através da análise de diversos autores que porventura buscaram inquietações em determinado tema.

3.2 O contexto de investigação

A Academia da Força Aérea é uma instituição de ensino superior destinada a formar os futuros oficiais da Força Aérea Brasileira nos quadros de aviação (CFOAV), de intendência (CFOINT) e de infantaria (CFOINF). Existem duas formas de ingresso na AFA: por meio de concurso público ou tendo sido aprovado no curso CPCAR¹⁴ que é equivalente a uma formação de ensino médio realizado na cidade de Barbacena – MG. Em nosso trabalho, buscamos nos aprofundar um pouco mais a respeito do ambiente dos aviadores, porém grande parte deste estudo pode ser aplicado aos demais quadros, pois algumas atividades citadas também são executadas por intendentes e infantas.

Os três cursos de formação têm duração de quatro anos e, dentre suas atividades como: voo, instruções militares, ordem unida, formação de valores e liderança, existem também aulas presenciais, dentre elas, as de Língua Inglesa. A disciplina de Língua Inglesa é ministrada em todos os semestres da formação e busca desenvolver o conhecimento em todas as habilidades do idioma.

Acreditamos que a aulas de inglês são de grande importância para a formação dos militares, pois, durante a carreira de oficial, será necessário aplicar os conhecimentos linguísticos em atividades como: operações combinadas que envolvem mais de um país onde o idioma regente é o inglês, missões de paz da ONU, missões diplomáticas, intercâmbio (realizado anualmente pelos cadetes), recepção de comitivas estrangeiras, dentre outros.

Durante nossa análise, exploramos alguns contextos em que o oficial aviador se enquadra durante sua carreira, com o intuito de apresentar sugestões para que o recurso humano da Força Aérea seja aprimorado, ainda nas escolas de formação, com vistas a um melhor desempenho do militar brasileiro.

Um dos contextos escolhidos para a investigação foi o intercâmbio que os cadetes da AFA participam no 3º ano do Curso de Formação de Oficiais, quando apenas 4 de aproximadamente 150 cadetes são eleitos para estudar seis meses na USAFA¹⁵. Normalmente, são escolhidos 2 aviadores, 1 intendente e 1 infante. Nessa oportunidade, os selecionados vivenciam a rotina com os cadetes estadunidenses e ficam imersos na cultura norte-americana.

¹⁴ CPCAR: Curso Preparatório de Cadetes do AR – realizado na Escola Preparatória de Cadetes do AR em Barbacena, MG

¹⁵ USAFA: Academia da Força Aérea Norte Americana

Para participar dessa missão, os cadetes passam por exames de proficiência em inglês com o intuito de verificar se são capazes de se comunicar satisfatoriamente no idioma.

Outro contexto priorizado no estudo foi o uso da língua inglesa em missões combinadas (missões que envolvem mais de um país) em que o idioma base é o inglês, como por exemplo: *Red Flag*, *Green flag*, MINUSTAH¹⁶, nos quais o oficial precisa comunicar-se com eficiência e de modo claro para o bom cumprimento da missão.

Tanto a *Red Flag* como a *Green Flag* são manobras militares que envolvem mais de um país, sendo a nação sede desses exercícios militares os EUA. O objetivo dessas manobras é simular uma situação de combate real para testar e aprimorar as capacidades dos militares envolvidos. A MINUSTAH foi uma missão de paz realizada no Haiti desde 2004 até 2017, com o objetivo de dar o suporte necessário para o país se reerguer após uma série de incidentes e catástrofes ocorridas.

O terceiro cenário definido foi a utilização do inglês em missões diplomáticas que ocorrem em diversos países estrangeiros, como os EUA e a Inglaterra. Nesse contexto, o oficial reside por dois anos no país designado, e se responsabiliza por diversas funções, entre elas, a compra de materiais como peças de helicópteros para a Força Aérea Brasileira e a resolução de assuntos diplomáticos.

3.3 Os documentos analisados

No estudo realizado, utilizamos documentos oficiais da Força Aérea Brasileira e outros estudos que discorrem sobre o tema proposto, de modo a mapearmos os diferentes contextos de uso da língua inglesa: missões no exterior, recepção de comitivas estrangeiras e intercâmbios. Em todos os contextos investigados, apontamos a importância da comunicação em língua inglesa. Vale ressaltar que a interpretação de documentos oficiais também é parte da metodologia deste trabalho, uma vez que descrevemos diretrizes que regem o ensino de língua inglesa na academia da força aérea.

A DCENS 15-B: ALINHAMENTO GERENCIAL E METODOLÓGICO DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EPCAR E AFA rege qual o nível mínimo para ingresso e conclusão dos cursos nas escolas de formação citadas, com base no Marco Comum Europeu. O Marco Comum Europeu também é conhecido como Quadro Comum Europeu foi criado em 1991 e é composto por 6 níveis do menos proficiente para o mais proficiente: A1, A2, B1, B2, C1 e C2

¹⁶ MINUSTAH: missão de paz realizada no Haiti pelas tropas da ONU

tendo como o objetivo o ensino e a aprendizagem de línguas da Europa para então aprimorar as relações entre diversas culturas (SILVA, 2016).

Para contextualizar os níveis de proficiência que variam desde o A1 até o C2 no Quadro Comum Europeu de Referência, trouxemos as definições explicadas por Morrow e que serão esclarecidas em tabela mais à frente.

Essa divisão na área da língua falada está presente desde o nível em que o estudante consegue produzir frases curtas, enunciados pré-decorados e com muitas pausas para procurar por expressões, articular palavras que não está familiarizado ou pra corrigir falhas na comunicação (A1), até o nível em que o estudante consegue se expressar naturalmente, fazendo pouco esforço e naturalmente onde as pausas ocorrem somente para buscar palavras melhores com o objetivo de elucidar a própria fala (C2) (MORROW, 2003).

De acordo com Anchieta e Faria (2019), a Academia da Força Aérea prioriza os níveis B1 e B2, e a AFA utiliza a plataforma *Oxford Online Practice* para avaliar e complementar os estudos que são desenvolvidos em sala de aula. Por meio dessa plataforma, o aluno pode desenvolver atividades de compreensão e produção oral além da compreensão e produção escrita.

Na AFA, estão previstos 114 tempos de aula de 45 minutos, a cada ano do curso de formação. Sendo que 90 tempos são para realizar atividades do livro, 10 para avaliação e 14 para atividades de conversação (BRASIL, 2017).

Em relação a abordagem e metodologia de ensino, a DCENS 15-B diz que o inglês “tornou-se uma Língua Franca e que o militar deverá se comunicar naquele idioma, a EPCAR e a AFA deverão adotar obrigatoriamente a abordagem **comunicativa** para o seu ensino” (BRASIL, grifo nosso, 2017).

Além disso, deve “abranger o desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas (de compreensão auditiva e leitora e de produção oral e escrita), levando-se em consideração os itens necessários para a construção da linguagem” (BRASIL, 2017).

Ilustramos as informações deste capítulo em forma de tabelas para facilitar a interpretação e a análise das informações.

TABELA 1: Resumo dos principais pontos trabalhados

TIPO DE PESQUISA	ÂMBITO EXPLORADO	PRINCIPAIS DOCUMENTOS
Documental	Missões combinadas	DECENS 15-B
Qualitativa-interpretativista	Intercâmbio	CEFRL
	Missões diplomáticas	

Fonte: o autor

TABELA 2: Nível baseado no CEFRL

	Proficiência atingida na oralidade
A1	Consegue se comunicar com frases muito curtas sendo a maioria enunciados que foram decorados e com muitas pausas para lembrar de expressões, palavras que não está familiarizado e para corrigir a comunicação.
A2	Consegue ser compreendido em frases curtas, construir frases de assuntos com o qual está familiarizado, mas ainda é perceptível a hesitação e necessita reformular as construções frasais.
B1	Consegue se expressar com uma relativa facilidade apesar de ocorrerem pausas para corrigir erros léxicos e gramaticais principalmente em trechos mais longos de produção espontânea.
B2	Consegue se comunicar espontaneamente, ainda ocorrem poucas pausas longas durante a conversação, mas demonstra notável fluência e facilidade em se expressar até em trechos mais longos.
C1	Consegue se expressar fluentemente e de maneira espontânea quase sem fazer esforço, somente uma dificuldade conceitual em um objeto específico pode impedir um fluxo suave da conversa.

C2	Consegue se expressar naturalmente, sem esforço e sem hesitação; as pausas ocorrem somente para refletir no uso das melhores palavras para achar uma mais apropriada e ser melhor compreendido.
----	---

Fonte: Morrow, 2003

4 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, descreveremos contextos dentro dos quais o cadete/oficial da Força Aérea pode utilizar a Língua Inglesa durante sua formação/carreira. Além disso, desenvolvemos análises de documentos oficiais que regem o ensino de inglês e a progressão nas escolas de formação e a importância que a FAB direciona a essa língua em específico. Mapeamos também o contexto de ensino e aprendizagem de língua inglesa na AFA e, por fim, esboçamos sugestões que podem ser implementadas nas aulas de LI.

4.1 Análise e descrição dos contextos das LI

4.1.1 O intercâmbio

O intercâmbio é uma atividade realizada na AFA no terceiro ano do curso de formação de oficiais, para quatro cadetes que passam a residir nos EUA, durante seis meses, na academia militar americana: a USAFA. “Realizar um intercâmbio hoje é uma oportunidade conveniente para quem quer aperfeiçoar um idioma, crescer profissionalmente e pessoalmente, o que faz com que constantemente os estudantes procurem esta alternativa” (SANTOS, SANTOS, 2008)

Para participar desse intercâmbio, a AFA seleciona os cadetes com as melhores notas nos diversos campos em que são avaliados, ou seja, para a seleção são utilizados outros critérios além da nota em inglês ou do resultado do teste TDIE¹⁷. Nesse caso, o TDIE atua apenas como critério para averiguar se o cadete que será selecionado está apto a comunicar-se em Inglês ou não. Ressalto que após os critérios iniciais de seleção existe uma entrevista oral com os eleitos para verificar se os mesmos têm condição de se comunicar em inglês.

De acordo com Santos e Santos (2008), os programas de intercâmbio são uma boa maneira de desenvolver a fluência em um idioma, ao mesmo tempo em que o profissional aprende uma nova cultura. Durante os seis meses no estado de Nevada – EUA, os cadetes podem vivenciar a cultura de um país diferente e têm a oportunidade de praticar a língua inglesa cotidianamente.

Na USAFA, os cadetes brasileiros são alocados em um dos 40 esquadrões da academia americana e seguem a rotina designada para o seu grupamento. Cada esquadrão tem por volta de 100 cadetes, desse modo, os cadetes da AFA têm um contato mais próximo com os militares de seu respectivo esquadrão (assim como ocorre no Brasil). Para cumprir a carga horária, cada cadete tem a autonomia de escolher quais atividades irá realizar nos campos acadêmico, militar e esportivo.

¹⁷ TDIE: Teste Diagnostico em Idiomas Estrangeiros

4.1.2 Missões de paz da ONU

A Organização das Nações Unidas é uma entidade mundial com o objetivo de prosperar o desenvolvimento internacional e promover a paz. O Brasil foi um dos fundadores da ONU e é membro desde 1945. No presente ano, 193 países integram essa instituição que possui 6 idiomas oficiais: inglês, espanhol, francês, russo, chinês e árabe.

O Brasil já participou de diversas operações de paz com diferentes níveis de engajamento e, de acordo com Rezende (2012), nosso país participou de PKO¹⁸'s desde 1947, e mesmo tendo ficado por 20 anos sem participar de operações de paz, já esteve presente em 2/3 do total de missões de paz.

No total, foram consideradas 42 operações de paz onde o Brasil tomou participação, conforme podemos perceber na tabela a seguir que foi construída através de dados encontrados na pesquisa de Resende (2012):

TABELA 3: Missões de Paz da ONU

NOME DA OPERAÇÃO	PAÍS ONDE OCORREU	QUANTOS BRASILEIROS PARTICIPARAM
UNSCOB	Grécia	<i>Sem dados</i>
UNEF I	Sinai e Gaza	<i>Sem dados</i>
ONUC	Congo	<i>Sem dados</i>
UNSF	Nova Guiné Ocidental	<i>Sem dados</i>
DOMREP	República Dominicana	<i>Sem dados</i>
UNIPOM	Índia e Paquistão	<i>Sem dados</i>
UNFICYP	Chipre	1395
UNAVEM I	Angola	<i>Sem dados</i>
ONUCA	América Central	<i>Sem dados</i>
UNAVEM II	Angola	<i>Sem dados</i>
ONUSAL	El Salvador	<i>Sem dados</i>
UNPROFOR	Iugoslávia	<i>Sem dados</i>
ONUMOZ	Moçambique	<i>Sem dados</i>
UNOMUR	Uganda e Ruanda	<i>Sem dados</i>
UNTAC	Camboja	<i>Sem dados</i>
UNOMIL	Libéria	<i>Sem dados</i>

¹⁸ PKO: PeaceKeep Operation (Operações de paz realizada pela ONU)

UNOMSA	África do Sul	<i>Sem dados</i>
MINUGUA	Guatemala	15
UNAVEM III	Angola	<i>Sem dados</i>
UNCRO	Croácia	<i>Sem dados</i>
UNPREDEP	Macedônia	<i>Sem dados</i>
UNTAES	Eslavônia Oriental	<i>Sem dados</i>
UNMOP	Península de Prevlaka	27
MONUA	Angola	<i>Sem dados</i>
UNAMET	Timor-Leste	<i>Sem dados</i>
UNTAET	Timor-Leste	9614
UNMISSET	Timor-Leste	6307
UNMIL	Libéria	16112
MINUCI	Costa do Marfim	75
UNOGBIS	Guiné Bissau	<i>Sem dados</i>
UNOCI	Costa do Marfim	9241
UNMIK	Kosovo	4769
MINUSTAH	Haiti	9295
UNMIS	Sudão	10284
UNOTIL	Timor-Leste	73
UNIMIT	Timor-Leste	1674
MINURSO	Saara Ocidental	266
UNMEE	Etiópia e Eritreia	4209
UNMIN	Nepal	162
UNOWA	África Ocidental	<i>Sem dados</i>
MINURCAT	Chade e Rep. Centro Africana	3043
UNMA	Angola	8

Fonte: Rezende, 2012.

Apesar dos dados apresentados acima, Rezende (2012) afirma que a participação do Brasil não se restringe somente ao envio de pessoal, pois também participamos de discussões internacionais que tratam sobre a manutenção da paz. Vale ressaltar a participação brasileira na MINUSTAH que ocorreu no Haiti, o destaque deve-se ao engajamento do Brasil que foi diferente das demais operações em que participou, onde se tornou o líder desta PKO.

Dentre os interesses que levam o Brasil a participar de uma operação da ONU, Aguilar (p.124, 2015) afirma que pode ser desde uma ajuda humanitária sem buscar nenhum objetivo

em troca até participações que visam alcançar determinados propósitos políticos: “A participação do Brasil em operações de paz é embasada em dispositivos legais como a Constituição Federal, a Política de Defesa Nacional, a Estratégia Nacional de Defesa e o Livro Branco de Defesa” (AGUILAR, p.124, 2015).

As participações nas missões de paz são importantes para que o Brasil consiga se inserir nas decisões internacionais de segurança e defesa além de projetar sua política nas relações exteriores através de meios militares ou não. (AGUILAR, p.131, 2015)

4.2 Análise e descrição dos documentos oficiais que regem o ensino de LI na FAB

Um documento importante e que dita de forma geral as diretrizes da FAB é a DCA 11-45/2018 que prevê a missão, os valores, as futuras capacidades e as perspectivas estratégicas para a força aérea e diz que: “O aprendizado de outros idiomas, o constante aperfeiçoamento pós-acadêmico, a interação curricular nos níveis mais elevados da carreira das Forças Armadas e a atualização por intermédio de intercâmbios tornam-se requisitos fundamentais.” (BRASIL, 2018)

A concepção estratégica de Força Aérea 100 ainda enfatiza que a “formação do militar da FAB deve estar pautada em um modelo de ensino que permita ao ativo mais valioso da organização interagir, de modo sinérgico, com atores de outras Forças e agências, sejam elas nacionais ou internacionais” (BRASIL, 2018). Ou seja, quando o documento fala do ativo mais valioso da organização, ele se refere ao recurso humano que deve manter o constante aprimoramento em outros idiomas como oficial.

O mesmo documento assinado pelo Tenente-Brigadeiro-do-Ar Rossato, comandante da Força Aérea em 2018, detalha nas perspectivas estratégicas que “O domínio do idioma inglês, como segunda língua é essencial, para oficiais e graduados, nas áreas operacionais, de manutenção e controle de tráfego aéreo.” (BRASIL, 2018)

Outro documento importante deste trabalho é a DCENS 15-B Alinhamento Gerencial e Metodológico do Ensino de Língua Inglesa na EPCAR e AFA, que padroniza o ensino nessas escolas de formação para que o oficial seja formado com um nível de inglês desejado pela instituição. Esse documento usa como parâmetro o marco comum europeu que define os níveis de inglês como A1, A2, B1, B2, C1 e C2; sendo o A1 o nível mais baixo e o C2 o nível mais alto.

Na DCENS 15-B está previsto que o militar ingresse na EPCAR com o nível mínimo A1 em inglês para que ao longo dos 3 anos de formação na EPCAR o aluno atinja o nível B2, sendo que o nível mínimo para a conclusão do curso é o B1. Na EPCAR existe um teste de

nivelamento para dividir os alunos em classes separadas para facilitar o desenvolvimento ao longo do curso preparatório de cadetes do ar, conforme tabela abaixo:

TABELA 4: Oferta e Progressão de Níveis de LI na EPCAR

Nível de ingresso	1º ANO	2º ANO	3º ANO
A2	A2	A2	B1
B1	B1	B1	B2
B2	B2	B2	B2

Fonte: BRASIL, 2017

A partir dessa tabela, podemos analisar que o aluno ingressando com o nível A2 pode não atingir o nível B2 ao final dos 3 anos na EPCAR e o aluno que ingressa no nível B2 fica estagnado no mesmo nível durante o CPCAR¹⁹.

Já para a Academia da Força Aérea a DCENS 15-B prevê que o nível mínimo de ingresso é o B1 e o de conclusão é o B2. Diferentemente da EPCAR, a AFA não possui um teste de nivelamento para separar os cadetes em classes de acordo com o nível de inglês e a proposta de evolução prevista pelo documento anteriormente citado segue conforme tabela abaixo:

TABELA 5: Oferta e Progressão de Níveis de LI na AFA

Nível de ingresso	1º Esquadrão	2º Esquadrão	3º Esquadrão	4º Esquadrão
B1	B1	B2	B2	C1

Fonte: BRASIL, 2017

A partir dessa tabela, podemos observar que pode acontecer do cadete oriundo da EPCAR só começa a estudar em um nível de inglês diferente no último ano de formação após permanecer no nível B2 por 6 anos. Ressalto que nem todos os alunos da EPCAR finalizam o curso no nível B2 e além disso os níveis B1 e B2 que são estudados na AFA existem subdivisões para que a evolução seja gradual e constante.

A DCENS 15-B recomenda que “A fim de desenvolver a habilidade oral, é desejável cada turma seja composta por, no máximo, 20 (vinte) alunos/cadetes” (BRASIL, p.9 2017). E ainda reforça que: “Partindo-se da premissa que a LI tornou-se uma Língua Franca e que o

¹⁹ CPCAR: Curso Preparatório de Cadetes do Ar

militar deverá se comunicar naquele idioma, a EPCAR e a AFA deverão adotar obrigatoriamente a abordagem comunicativa para o seu ensino.” (BRASIL, p.9 2017)

Os dois exemplos citados no parágrafo anterior reforçam a tese deste trabalho monográfico que preza pela fluência na língua inglesa, destacando a importância da comunicação para o oficial da aeronáutica.

Concordamos com os documentos oficiais da FAB que incentivam o desenvolvimento de línguas estrangeiras nas escolas de formação, e ainda destacamos que a DCENS 15-B estimula a criação de clubes e atividades extraclasse para o aperfeiçoamento da língua inglesa.

4.3 A língua inglesa na AFA

4.3.1 As aulas

As aulas de língua inglesa na AFA ocorrem ao longo dos quatro anos no curso de formação de oficiais da FAB. E, conforme a DCENS 15-B, está previsto uma evolução gradual no nível de proficiência dos cadetes, e os tempos de aula são divididos em 3 partes: atividades do livro, conversação e avaliação.

Para a Academia da Força Aérea, estão previstos 90 tempos de atividades do livro, 14 tempos de atividades de conversação e 10 tempos destinados à avaliação (BRASIL,2017). Dentre as atividades prevista para os 90 tempos destinados ao livro, existem aquelas que focam na produção textual, outras que focam na produção auditiva e algumas focam na produção oral. Além das atividades que ocorrem em sala de aula, esse documento em questão também prevê que ocorram avaliações na habilidade oral dos estudantes.

Conforme o tamanho da turma, os alunos são divididos em dois grupos para que a quantidade de aprendizes se enquadre num máximo desejável de 20 alunos por sala de línguas. Para essa divisão, é utilizado o resultado do teste TDIE (Teste Diagnóstico em Idiomas Estrangeiros), de modo que se forme uma turma mais proficiente e uma turma menos proficiente, com o intuito de facilitar e incentivar o aprendizado.

4.3.2 Instrumentos de avaliação utilizados na área de Língua Inglesa

Para ilustrar como vem sendo desenvolvido o inglês na AFA, analisamos alguns dados que podem nos oferecer indicadores de desempenho dos cadetes, como é o caso do exame de proficiência TDIE. Este exame é realizado anualmente com todos os cadetes da AFA para se ter um parâmetro do desenvolvimento dessa língua estrangeira na Academia.

O TDIE consiste em um teste de 100 questões onde o avaliado deve responder 66 delas a partir de curtas sentenças reproduzidas num áudio (uma para cada questão) e as outras 34 são questões relativas a leitura, gramática e vocabulário. Nesse teste, não há avaliação oral. De acordo com Montrezor e Silva (2009), “A Teoria do Discurso deixa claro que, somente através da interação comunicativa do aprendiz, a competência no novo idioma será desenvolvida.”

A partir dessa última informação, inferimos que a área do *speaking* deveria ser tão valorizada como o *listening*, *reading* e *writing*²⁰, e a partir da análise de dados veremos que a aplicação da língua inglesa ocorre, na maioria das vezes, através da fala e pouco se utiliza a escrita durante algumas atividades (aquelas que foram selecionadas neste trabalho monográfico) que serão exercidas pelos oficiais.

Para que a língua inglesa seja aprendida de maneira integral, deve-se trabalhar as quatro habilidades linguísticas (*Speaking*, *Listening*, *Reading* e *Writing*) dentro de cada aula de uma maneira eficiente (SADIKU, 2015). Sadiku (2015) esclarece que *Listening* e *Speaking* são duas habilidades interligadas que operam simultaneamente nas situações da vida real, logo a integração dessas duas habilidades durante as aulas pode promover uma comunicação oral eficaz.

Por isso, acreditamos ser importante o acréscimo de um teste oral ao TDIE, para que haja uma avaliação completa da performance do aluno. Pois não se deve suprimir uma das quatro principais habilidades linguísticas num teste de proficiência visto que todas as quatro são interligadas.

4.4 No caminho para o aprimoramento

Para as aulas de língua inglesa, sugerimos maior foco no desenvolvimento da comunicação oral. Apresentamos, a seguir, algumas sugestões que podem ser implementadas nas aulas de língua inglesa, por exemplo, para estimular o desenvolvimento da comunicação.

Uma sugestão proposta por Sadiku (2015) para aulas comunicativas, é o ato de ler e recontar a história ou parte dela e, para isso, o aluno pode contar um capítulo de um livro para os outros estudantes com as próprias palavras ou através de imagens da trama.

Essa é uma técnica que pode gerar um grande desenvolvimento para a pessoa que está buscando aprimorar o inglês, pois estimula quem está recontando a história a criar frases que façam sentido e que apresentem todos os fatos necessários para o entendimento do ouvinte.

²⁰ Speaking, Listening, Writing e Reading: referem-se às habilidades de falar, escutar, escrever e ler na língua inglesa, respectivamente

Outra estratégia que é mais comum e que pode ser utilizada com mais frequência como uma atividade de aquecimento é a apresentação pessoal de cada aluno ou sugerir um tema para que seja discutido em duplas, em pequenos grupos ou para todos na classe (SADIKU, 2015). Essa abordagem estimula os estudantes a utilizar livremente a língua inglesa sem ter que decorar nenhum tipo de texto.

Bonato (2014) entrevistou uma turma de ensino médio composta por 27 alunos e afirmou que a maioria dos seus entrevistados citou a utilização de música como uma ferramenta importante para o aprendizado da língua inglesa, mas que para dar certo como um instrumento de ensino, deve ser escolhida uma canção que agrade os alunos e ao mesmo tempo tenha um fundamento pedagógico.

Reforçando o uso de música nas aulas como um facilitador do aprendizado, Gonçalves (2017) diz que um docente que usa letras de música consegue dinamizar o ensino-aprendizagem deixando o ambiente mais interativo e atraente para os alunos.

Batista (2008) reforça que a música, nas aulas de idiomas, tem o poder de transformar o ambiente da sala de aula em um lugar motivador que incentiva o aprendizado, além de aprimorar as habilidades acadêmicas e sociais para ativar a memória e com isso propiciar um desenvolvimento da linguagem.

Utilizar música em sala de aula está entre um dos melhores métodos de ensino de uma língua estrangeira pois com o simples uso desse artifício em sala de aula é possível desenvolver os 4 aspectos da linguagem já citados anteriormente (*listening, speaking, writing e reading*) de uma maneira natural e espontânea (BATISTA, 2008).

Outro ponto importante é que “há necessidade de se propor novas práticas pedagógicas que se adaptem à nova sociedade, à Era Digital, a qual reflete mudanças nos papéis da escola/universidade, de alunos/cadetes e de professores” (ANCHIETA, FARIA, 2019). Além das estratégias citadas anteriormente, deve-se sempre levar em conta as novas tecnologias e suas implicações em todos os campos da vida, principalmente ao que tange o ensino das novas gerações que estão adaptadas a usar a tecnologia no seu dia-a-dia.

Como, por exemplo, as autoras Anchieta e Faria (2019) utilizam alguns exercícios, preferencialmente os que possuem atividades de produção e compreensão oral, da plataforma *Oxford Online Practice*²¹ para estimular os cadetes a realizarem todas as atividades disponíveis nesse recurso.

²¹ Oxford Online Practice: é uma plataforma de ensino utilizada na AFA para desenvolvimento de atividades na língua inglesa, necessita de um código específico para acessar as atividades. Site: <https://enrolment.oxfordlearn.com/?selLanguage=pt>

Ao longo da nossa pesquisa, percebemos que os documentos oficiais da Força Aérea estão de acordo com a importância do Inglês, não somente para o oficial aviador, mas sim para todos os militares da Aeronáutica. Além disso, acreditamos que é necessário que a sala de aula seja um reflexo da vida real, sendo assim, atividades cotidianas devem ser desenvolvidas em língua inglesa, conforme prega o método comunicativo.

O cadete que souber se comunicar bem em situações cotidianas, poderá ter sucesso em vários dos contextos que mencionamos nesta pesquisa. Desse modo, nosso trabalho vem focar no quanto importante as aulas de língua inglesa voltadas para a comunicação e de modo especial a produção oral, podem contribuir para o sucesso da carreira do oficial da FAB.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, abordamos diversos aspectos que apresentaram ao leitor os contextos onde o oficial da Força Aérea Brasileira pode utilizar a língua inglesa para o cumprimento da missão, seja ela uma operação de paz da ONU, um intercâmbio, uma missão diplomática internacional ou durante as radiocomunicações sob as regras de controle de tráfego aéreo.

E, para analisar o quanto o inglês é importante para essa classe de militares, utilizamos a pesquisa qualitativa-interpretativista para expor todos os dados que foram investigados nos documentos oficiais da FAB e demais pesquisas no ramo do ensino-aprendizagem da língua inglesa.

Destacamos também o ensino dessa língua na Academia da Força Aérea, visto que é a instituição que forma os futuros oficiais que estarão imersos nos contextos que foram apresentados. Também destacamos a importância da comunicação oral nessas missões uma vez que, na AFA, são utilizados instrumentos que avaliam a produção e compreensão escrita e compreensão auditiva, como é o caso do TDIE. Sugerimos a implementação de instrumentos que também avaliem produção oral, pois esta terá uma grande relevância na vida pós-formado.

Após as análises e exposições de documentos, concluímos que a comunicação em língua inglesa é essencial para diversas missões das quais o oficial participa, seja no Brasil ou mundo afora. Ao final do trabalho, foram apresentadas algumas sugestões de atividades para as aulas na AFA, que também podem ser aplicadas em outros ambientes de ensino.

Ao final de nossas análises concluímos que a Aeronáutica reconhece a importância do uso da língua inglesa para todos os seus militares. O foco desta pesquisa é a comunicação em língua inglesa para o oficial aviador, que durante sua carreira encontrará diversas missões nas quais o militar necessita fazer o uso da língua inglesa, entre elas: o intercâmbio e em missões de paz da ONU.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Sergio Luiz Cruz. **A Participação do Brasil nas Operações de Paz: passado, presente e futuro.** *Brasiliana - Journal for Brazilian Studies*. Vol. 3, n.2 (March, 2015). ISSN 2245. 2015. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/20231/18133>. Acesso em: 05 agosto 2020.
- ALDERSON, J. Charles. **Air safety, language assessment policy and policy implementation: the case of aviation English.** 2009. *Annual Review of Applied Linguistics*, 29 (1). pp. 168-187. ISSN 1471-6356. Disponível em: <https://eprints.lancs.ac.uk/id/eprint/33530/1/download.pdf>. Acesso em: 28 agosto 2020
- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas.** 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- ANCHIETA, Priscila Petian; FARIA, Elaine Risques. **INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO E O SISTEMA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA ACADEMIA DA FORÇA AÉREA.** 2019.
- ANCHIETA, Priscila Petian; FARIA, Elaine Risques. **O EFEITO RETROATIVO DE UM EXAME DE ENTRADA NA PROFICIÊNCIA DOS CADETES INGRESSANTES NA ACADEMIA DA FORÇA AÉREA.** 2019.
- BONATO, Denise de melo. **UTILIZAÇÃO DA MÚSICA COMO MÉTODO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA.** 2014. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4807/1/MD_EDUMTE_VII_2014_33.pdf. Acesso em: 22 junho 2020.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; OLIVEIRA, Tatiana de. **Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno?** In: RICARDO, Stella Maris Bortoni-Ricardo, MACHADO, Veruska Ribeiro (Org). *Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito.* São Paulo: Parábola, 2013. Série Estratégias de Ensino 37.
- BRASIL. **DCA 11-45/2018.** 2018. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj9ldCF__7qAhXTJrkGHXYGCdAQFjAAegQIBBAB&url=https%3A%2F%2Fwww.fab.mil.br%2FDownload%2Farquivos%2Fprestacaodecontas%2FDCA_11_45_2018_FAB_100.pdf&usg=AOvVaw3Ahwn8JkMiJ8tsRmO0vq_O. Acesso em: 28 junho 2020
- BRASIL. **DCENS 15-B.** 2017 BCA 174
- CELANI, M. A. A. (Org.) **Ensino de segunda língua: redescobrimo as origens.** São Paulo: Educ, 1997. *Ensino de segunda língua: redescobrimo as origens.* São Paulo: EDUC, 1997.
- CRYSTAL, David. **English as a global language. 2003** (2n ded. First ed.,1997), Cambridge: Cambridge University Press. xv + 212 pp., ISBN Hb 0521 82347 1, Pb 0 521 53032 6.
- Gardner, R. C., & Lambert, W. E. (1972). **Attitudes and motivation in second-language learning.** Boston, MA: Newbury House Publisher.

GIL, Antônio Carlos. **COMO CLASSIFICAR AS PESQUISAS?** 2002. Disponível em: <http://www.madani.adv.br/aula/Frederico/GIL.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

GOMES, Francisco Wellington Borges. **O Uso de Filmes Legendados como Ferramenta para o Desenvolvimento da Proficiência Oral de Aprendizes de Língua Inglesa.** 2006. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/39326915/franciscowellingtonborgesgomes2.pdf?1445386586=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMicrosoft_Word_O_Uso_de_Filmes_Legendado.pdf&Expires=1598711467&Signature=P11SWgkp4zw-4CpMDLiuWjEjPSWv6GwtjT9UuvzY~1uCIqP2szhjRIEyBridrDN0GD1-LVUR3SY4gEbMgwlrKDK3QRKcZZyvRbDFHhHOpFNukei1Ac6oR00~4c1mA6QGyBejvGM49fxX2FN7AFuSJR-0MGVfddht~OyUii73owXkvo7TOxpj0yjb5ROO~H2QQ7PQkmdBxZRU0j06oOS~OkzUmXx7Ljya~b8JJ52ERMgltPKUBJYpGXNWU9CZTyNiYbq-BLPOiG9BvyU~29ka4Gnm-pqJwWdkbILJ3Y7SWsfRWHJ8NQ-nmORj19MepRn2tkc3u5DcultxZS6a8VPxQQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 28 agosto 2020

GONÇALVES, Jocélio da Silva. **AS TICS NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA: Uma experiência da prática docente em uma escola na cidade de Guarabira.** 2017. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/15680/1/PDF%20-%20Joc%20C3%A9lio%20da%20Silva%20Gon%20C3%A7alves.pdf>. Acesso em: 29 junho 2020.

KNAPP, Karlfried; MEIERKORD, Christiane. **Lingua Franca Communication.** 2002. Disponível em: <https://englisch.fb06.uni-mainz.de/files/2018/09/Lingua-Franca-Communication.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

KRIPKA, Rosana; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa Lara. **Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa.** 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252/248>. Acesso em: 18 maio 2020.

LACOSTE, Yves. **Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês.** 2015. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ingles/lacoste.pdf. Acesso em: 28 agosto 2020.

MONTREZOR, Bethânia Márcia; SILVA, Alexandre Batista da. **The difficulty in English Language Learning.** 2009. Disponível em <http://web.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/10/27.pdf>. Acesso em: 24 junho 2020.

MORROW, Keith. **COMMON EUROPEAN FRAMEWORK OF REFERENCE FOR LANGUAGES: LEARNING, TEACHING, ASSESSMENT.** 2003. Disponível em: <https://rm.coe.int/16802fc1bf>. Acesso em: 18 maio 2020.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **UM APANHADO TEÓRICO-CONCEITUAL SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA: TIPOS, TÉCNICAS E CARACTERÍSTICAS.** 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3122/2459>. Acesso em: 12 abril 2020.

OLIVEIRA, Karoline Schulze de; CAMPOS, Marlon Sergio Felipe. **O ensino-aprendizagem de língua inglesa como LE através de videogames não didáticos**. 2013. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2120/1/CT_COLET_2013_1_06.pdf. Acesso em: 28 agosto 2020.

PIERCE, Joseph. **The story of English: how an obscure dialect became the world's most spoken language**. Michael O'Mara Books Limited, 9 Lion Yard. 2012.

REZENDE, Lucas Pereira. **O ENGAJAMENTO DO BRASIL NAS OPERAÇÕES DE PAZ DA ONU: ANÁLISE DOS EFETIVOS ENVIADOS E RECOMENDAÇÕES PARA O FORTALECIMENTO DA INSERÇÃO INTERNACIONAL BRASILEIRA**. 2012. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34958525/REZENDE_Lucas_O_Engajamento_do_Brasil_nas_Operacoes_de_Paz_da_ONU_2012.pdf?1412194537=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DREZENDE_Lucas_Pereira_O_Engajamento_do_B.pdf&Expires=1596633578&Signature=cdYrAUtLNFOLB5y5qpSSbEv~5Ycd~GfA7IicyADOksD9rUE9VpZKBTS8pIkRHF3Ppg97SG0dfBy5RxLGtfXUCJ14A3shvCh3r96pDtXIOwzJyFpbZVHPZkxn1aU~vLGYpwhwcQTuxjq3VAjyu2C9d-YQHGzGhhMdpDY7mXhn4fxWhCTC~IulzOwF~saScJ44f0wa~aXE4pZaf-pdeb76oepG-v3tCCrfAGCvanLgMYAWAPS6vbvaWzK51WNHj8dO7EIBNlsjaJA3z6faeiIfiA0ppaXdsch-LJutzD6edRzMaQY-XZjDQFjWUR2qjeZciAqYTjYhcNSG~f54bU8WA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 05 agosto 2020

SADIKU, Lorena Manaj. The Importance of Four Skills Reading, Speaking, Writing, Listening in a Lesson Hour. **European Journal of Language and Literature**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 29-31, abril. 2015. ISSN 2411-4103. Disponível em: <http://journals.euser.org/index.php/ejls/article/view/558>. Acesso em: 25 junho 2020.

SANTOS, Magda Elisabete dos; SANTOS, Maria Elisabete Mariano dos. **QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E AQUISIÇÃO DE FLUÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA ATRAVÉS DE PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO**. 2008. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/ser/article/download/1767/1175/0>. Acesso em: 01 julho 2020.

SCARAMUCCI, M. V. R. Proficiência em LE: considerações terminológicas e conceituais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 36, 6 jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639310/6904>. Acesso em: 28 agosto 2020.

SILVA, Jorge Francisco da. **HOW GOOD IS YOUR ENGLISH?: UM ESTUDO DOS NÍVEIS DE PROFICIÊNCIA DO QUADRO COMUM EUROPEU (COMMON EUROPEAN FRAMEWORK OF REFERENCE)**. 2016. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/829/1/jorge_francisco_silva.pdf. Acesso em: 18 maio 2020.

TOSQUI-LUCKS, Patrícia; SOUZA, Paula Ribeiro e; RAYMUNDO, Natalia de Andrade; GUERREIRO, Natália de Castro; ARAGÃO, Beatriz Faria. **Ensino e Avaliação de Língua Inglesa para Controladores de Tráfego Aéreo como Requisito de Segurança em Voo**. Revista Conexão Sipaer, Vol. 7, No. 1, pp. 44-54. 2016. Disponível em: <http://conexaosipaer.cenipa.gov.br/index.php/sipaer/article/view/383/326>. Acesso em: 27 agosto 2020.

